REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 314

11 DE SETEMBRO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

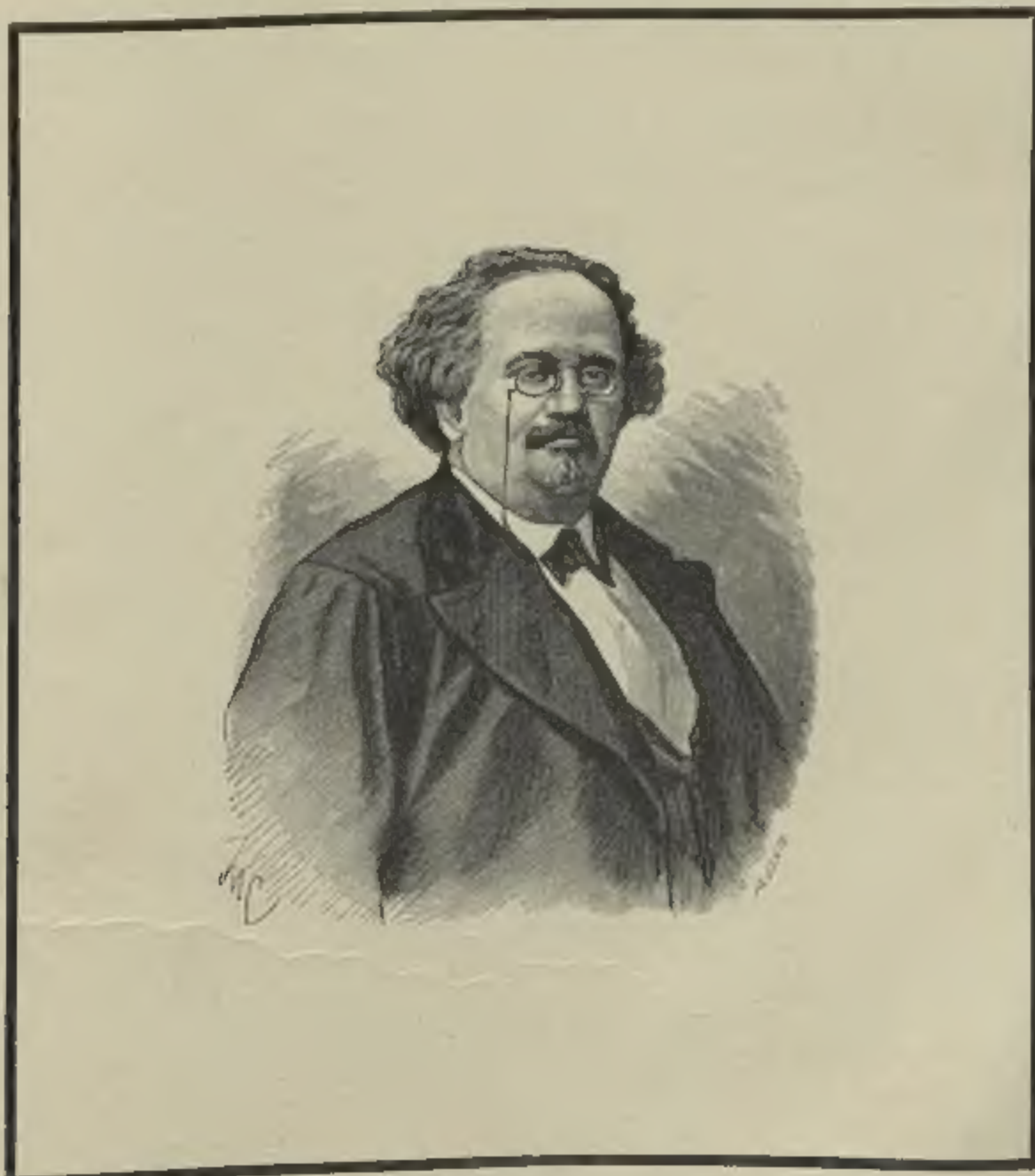
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

A chronica portugueza tem hoje que registrar mais uma morte de homem illustre, o desapparecimento de mais uma gloria nacional, que inesperadamente se eclipsou no tumulo em toda a plenitude do seu brilho e quando muito havia a esperar ainda das suas poderosas forças.

No domingo 4 do corrente, pela volta das sete horas da manhã, falleceu repentinamente d'uma angina pectoris, Antonio Augusto d'Aguiar, o distinctissimo chimico, cuja fama transpozera de ha muito as fronteiras do nosso paiz e se espalhára gloriosa e respeitada por toda a Europa scientifica, o notavel orador, academico e parlamentar, o illustre estadista, que na sua rapida passagem pelo poder deixára o seu nome vinculado a muitas inovações brilhantes e civilisadoras — á grande reforma do ensino industrial.

Antonio Augusto d'Aguiar, de modesta stirpe, filho de um honrado e obscuro confeiteiro do Rocio, soube unicamente pelo seu talento, pela sua actividade, pelo seu estudo, pela sua tenacidade excepcional no trabalho, elevar-se ás mais altas espheras da sociedade portugueza.

Desajudado de protecções valiosas, ganhou unicamente pela sua formosa intelligencia, pelo seu ardente estudo, o logar proeminente que occupava no mundo scientifico, a que deveu o logar eminente no mundo politico.

ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR — FALLECIDO EM 4 DO CORRENTE

(Segundo uma photographia de Fritz)

Estudante laureado da Escola Polytechnica, logo ao sahir dos bancos dos alumnos conquistou a cadeira de professor, n'um concurso brilhantissimo, que foi um triumpho colossal, que lhe deu não só a cadeira a que aspirava, mas tambem immediatamente um nome illustre entre os homens da sciencia.

Feito professor, Antonio Augusto d'Aguiar manteve no seu novo lugar todas as promessas radiantes do discipulo distincto e do candidato illustre, e o seu curso foi desde logo o mais notavel que tem havido na Escola Polytechnica.

As suas lições eram verdadeiras obras primas de sciencia e de eloquencia moderna; os alumnos ouviam-n'as enthusiasmados, e não era raro essas lições terminarem em ovações ruidosas, em que os alumnos, esquecendo-se do seu lugar de discipulos, applaudiam fascinados o mestre que os encantava com o seu deslumbrante talento.

E no mundo scientifico e no mundo academico, o nome de Antonio Augusto d'Aguiar foi desde então cercado d'uma grande aureola brilhante, d'uma nomeada enorme.

Fóra da escola, no seu laboratorio de chimica, Aguiar trabalhou como um sabio, arrancou á sciencia descobertas importantes, muitas das quaes foram utilisadas lá fóra, no estrangeiro, para onde as communicou, por não ter em Portugal recursos para as desenvolver largamente como ellas exigiam.

E entretanto, ao mesmo tempo que na Europa scientifica o nome de Antonio Augusto d'Aguiar era querido e celebrado, em Portugal esse nome —fóra das escolas e das academias—era pouco conhecido pela grande massa do publico.

Umas conferencias publicas que sobre vinhos o illustre chimico Antonio Augusto d'Aguiar fez no salão de D. Maria, popularisaram esse nome, revelaram ao paiz o orador brilhante e o illustre homem de sciencia, pozeram em evidencia esse talento gigante.

Foi poucos annos depois, que Antonio Augusto d'Aguiar entrou na politica da nossa terra, instado por alguns dos seus mais intimos amigos e mais enthusiasticos admiradores, e não levado por grande desejo de se metter n'essas luctas mesquinhas e insignificantes, que constituem infelizmente quasi toda a vida politica portugueza.

E por isso, Aguiar nunca foi um politico na accepção pequenina d'esta palavra no diccionario da nossa terra.

O seu cerebro maravilhosamente organisado, a sua sciencia profunda, o seu espirito illustrado e reflectido, faziam d'elle um grande organisador, um administrador excellente; e se no nosso paiz os governos pensassem mais em governar do que em fazer politica, Aguiar seria com certeza um dos nossos mais notaveis homens d'Estado.

Mas ministro politico é que elle nunca foi, não quiz, nem soube sêr.

Na sua rapida passagem pelo poder, o illustre homem de sciencia mostrou bem o que poderia fazer, se a politica partidaria désse tempo para isso, com o muito que fez e que deixou iniciado.

A organisação do ensino industrial foi obra sua; obra sua a creação do museu industrial—que obedecia ao mesmo bem estudado plano—; obra sua os melhoramentos do porto de Lisboa, que em breve vão ser inaugurados!

E todas estas obras que seriam a gloria d'um ministro que estivesse durante muitos annos no poder, iniciou elle nos breves mezes que esteve a gerir a pasta das obras publicas.

Antonio Augusto d'Aguiar tinha apenas 49 annos de idade.

Completava-os no dia em que se enterrou.

Morreu bem novo esse grande homem; foi curta a sua existencia, mas longa em serviços á sciencia e ao seu paiz.

«Aguiar não viveu pouco, viveu depressa» como disse um dos nossos mais gloriosos homens de lettras e homens d'Estado, no brilhantissimo artigo que ácerca do querido morto escreveu no *Correio da Manhã*.

O enterro de Antonio Augusto d'Aguiar foi uma manifestação imponentissima.

O seu caixão, que desapparecia sob uma montanha de corôas funebres, foi acompanhado a pé desde a egreja de Santa Izabel, onde estava depositado, até ao cemiterio dos Prazeres, por uma multidão enorme.

A beira do tumulo fallaram com a eloquencia sentida da saudade, o sr. Luciano Cordeiro, secretario perpetuo da Sociedade de Geographia de Lisboa, de que o fallecido era presidente, José Julio Rodrigues, João Chrysostomo Melicio e José Elias Garcia.

O *Diario do Governo* publicou ha dias a carta de lei votada no final da sessão legislativa, reformando o grande actor Antonio Pedro, com a pensão mensal de 72$000 réis, vencida pelo cofre geral das aposentações.

Applaudimos sinceramente essa disposição das côrtes, que põe ao abrigo da miseria um dos nossos mais illustres artistas, uma das mais formosas glorias do palco portuguez, mas a fórma como esta pensão é concedida, inteiramente differente das pensões até hoje concedidas a outros artistas em condições identicas ás de Antonio Pedro, suggere-nos algumas considerações que nos parecem justas.

A carta de lei não reforma Antonio Pedro, como foram reformados Taborda, João Rosa, Emilia dos Anjos, Cezar de Lima, Pinto de Campos, Emilia das Neves, Emilia Adelaide, Delphina, Rosa pae, e todos esses artistas que uns por direitos adqueridos, outros por uma ampliação bem justificada da lei, tem gosado e estão gosando da reforma que o decreto organico do theatro de D. Maria concedia aos artistas que tivessem um certo numero d'annos de serviço; a carta de lei reforma Antonio Pedro pelo ultimo decreto das aposentações, como se fosse um funcionario publico: reforma-o por impossibilidade physica devidamente comprovada de continuar a exercer a sua arte: isto é dá-lhe a pensão mensal de 72$000 réis com a condição expressa de elle nunca mais representar.

E é exactamente contra esta condição que nós nos insurgimos e por duas rasões.

Primeira porque não comprehendemos a distincção que se faz agora especialmente para este artista—um dos mais eminentes, que mais serviços tem prestado á arte do nosso paiz—de o não deixar representar reformando-o, ao passo que aos seus collegas em identicas circumstancias se tem concedido a reforma deixando-lhes a liberdade de exercer a sua arte.

Não ignoro que n'esta condição ha um principio incontestavel de moralidade—A aposentação só deve ser dada a qualquer funccionario publico que por motivo de doença se veja impossibilitado de continuar a exercer as suas funcções, e é perfeitamente injusto que o estado tome sobre si o encargo de *pensionar* homens validos, que tem recursos para poder ainda ganhar pelo seu trabalho os meios de subsistencia.

Plenamente d'accordo: mas se isto é injusto não o é menos estabelecer distincções, e negar a uns o que se concede a outros.

E é claro que nós aqui não nos referimos de fórma alguma áquelles que reformados segundo a letra expressa da lei, tendo completo direito a essa reforma. porque foram escripturados pelo theatro normal n'essas condições, por essa lei que constitue a unica excepção a lei geral das aposentações, estão *ipso facto* dispensados de fazer prova de incapacidade physica, e tem direito á pensão da sua reforma, simplesmente depois d'esses determinados annos de serviço, como o professor e o magistrado tem direito no fim de tantos annos de exercicio ao augmento do terço por diuturnidade de serviço; referimo-nos apenas áquelles para quem a lei foi ampliada por equidade, podendo portanto ser alterada no sentido que mais justo parecesse ao legislador.

Um facto verdadeiro é que a opinião publica em geral não recebe bem estas reformas concedidas aos actores, e não as recebe bem porque não estudou a lei organica do theatro normal que as estabeleceu e não comprehendeu o motivo que levou o legislador a fazer essa excepção á lei das aposentações, conferindo ao actor o direito de se reformar continuando aliás a exercer a sua arte e a *ganhar a dois carrinhos* na phrase vulgar estropiada.

Entretanto a idéa de Garret ao inscrever esse artigo na lei, é clarissima, e era engenhosa, habil e justa.

Querendo fazer do theatro de D. Maria o theatro normal, querendo agrupar ali todos os artistas mais notaveis que o nosso paiz produzisse, para conseguir este fim, o governo teria de entrar em licitação com as emprezas theatraes particulares do paiz, para lhes arrancar a peso d'ouro os seus melhores artistas.

E evidente que qualquer actor ou actriz tendo um theatro que lhe pagasse 100$000 réis por mez, não se escripturaria por 50 ou 60$000 réis no theatro de D. Maria, simplesmente pelo prazer de representar n'esse theatro.

D'ahi, ou o theatro normal ficaria privado de muitos artistas notaveis, ou teria que escriptural-os por sommas superiores ás que lhe dessem os outros theatros e não é facil calcular a que cifra fabulosa chegaria a folha d'esse theatro.

Que fez então o legislador?

Para chamar todos os bons artistas ao theatro, para os obrigar a preferir o theatro normal a todos os outros, marcou-lhes uns ordenados fixos —inferiores aos que muitas emprezas particulares lhes dariam—mas ao mesmo tempo garantiu-lhes o que nenhuma outra empreza lhes podia garantir, a reforma com esses ordenados, desde que completassem um determinado numero d'annos de bom e effectivo serviço n'aquelle theatro *sem nunca d'elle terem saido.*

E comprehendendo perfeitamente que desde o momento em que essa reforma os inhibisse de representar, em vez de proteger a arte seria em sua desvantagem, porque affastava da scena reformando-os muitos artistas que ainda podessem continuar a cultival-a com proveito, e que d'este modo a reforma seria contraprodecente e mentiria completamente ao seu fim, o legislador, abriu uma excepção na regra geral das aposentações, e permittiu que essa reforma fosse independente de impossibilidade physica, e por tanto da cessação de exercicio da arte.

Foi graças a esta reforma que o talento brilhante de Delphina illuminou por muito tempo o palco portuguez depois da actriz estar aposentada, que Emilia das Neves, Emilia Adelaide, Rosa pae, Pinto de Campos, deram ainda muitas noites de gloria ao theatro depois de terem a sua reforma, e que João Rosa, Emilia dos Anjos, Cezar de Lima estão ainda hoje prestando relevantes serviços á nossa arte e que Taborda, o grande e inimitavel Taborda póde quando lhe apraz trazer ao proscenio portuguez a luz gloriosa do seu enorme talento e da sua primorosa e inexcedivel arte.

E Antonio Pedro?

Na epocha que findou ainda elle fez no theatro de D. Maria tres creações esplendidas: o coveiro do *Hamlet*, o inglez da *Martyr* e o comico do *Parisiense*...

E apezar de doente, porque o está e porque o estava, Antonio Pedro concorreu com o seu excepcional talento para o *successo* d'essas peças, para o brilho e nomeada da arte portugueza.

E agora?

A reforma obriga-o a não représentar, e Antonio Pedro, o grande actor, um dos maiores que tem pisado o palco portuguez, tem que desapparecer da scena, morrer para a Arte, quando o seu formosissimo talento tantos serviços lhe podia prestar ainda, e quando de talentos como o d'elle a Arte tanto precisa.

Quer isto dizer que somos contra a reforma concedida a Antonio Pedro?

Não: applaudimol-a sinceramente, convictamente, porque seria uma vergonha nacional, se Antonio Pedro, um dos nossos gloriosos artistas da nossa terra ficasse ámanhã reduzido á miseria tendo que escolher o morrer de fome ou o viver de esmolas, se por acaso aggravando-se os seus dolorosos padecimentos se achasse inhibido de ganhar a vida pela sua arte: applaudimos sinceramente a reforma concedida a Antonio Pedro, mas o que não applaudimos é a fórma como ella lhe foi concedida, ou não abrissem agora excepções e dessem ao grande artista a reforma como tem sido dada a tantos seus collegas,—do que resultaria os mesmos encargos para o thesouro que resultam hoje—com a differença de resultarem d'ahi vantagens bem evidentes para a arte que muito tem ainda a ganhar com a valiosa cooperação do grande artista, ou então concederem-lhe a reforma para o dia em que por acaso elle se impossibilitasse de trabalhar, garantindo-lhe assim o seu futuro—como é de plena justiça,—o que seria de vantagem muito maior para os tres interessados n'esse negocio—o estado, o actor e a arte: para o estado porque só teria que sobrecarregar as suas despezas com a pensão a Antonio Pedro, no dia em que a doença o impossibilitasse de trabalhar—o que póde ser ainda muito tarde e oxalá que o seja—para o actor, porque garantindo assim o seu futuro, poderia ter o goso especial do artista que faz da arte um culto como Antonio Pedro de exercer essa arte ainda por muito tempo, auferindo muito mais interesses dos que lhe dá a reforma; para a arte porque não perderia já a coadjuvação d'um talento tão glorioso.

E aqui têem os motivos porque nós approvando a reforma de Antonio Pedro, não nos podemos conformar com o modo porque ella foi decretada.

Gervasio Lobato.

ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR

Está aqui está empalmado pela politica, diziamos ha doze annos, em conversa com alguns amigos, referindo-nos a Antonio Augusto de Aguiar, ao concluir as suas brilhantes conferencias sobre vinhos, no salão do theatro de D. Maria II.

Esta prophecia facil, despretenciosa, não tardou que se realisasse, e d'isso não nos orgulhamos de propheta, porque é tristemente verdade que todos os talentos da nossa terra, mais tarde ou mais cedo, se deixam seduzir pela depravada matrona, que tanto sorri aos poetas como aos scientificos, aos philosophos ou artistas.

Se nem Almeida Garrett escapou!

E, entretanto, não ha paiz em que a politica tenha menos valor moral, em que os seus ideaes sejam mais limitados. Politica comesinha, *do teu amor e uma cabana*, que toda se eleva nas bordaduras doiradas de uma farda de conselheiro até á simples banda de regedor de parochia, como se nada mais houvesse no mundo em que o homem possa ser util.

E por isto ella absorve tantos talentos, tantas aptidões que pelo labor podiam engrandecer o paiz de fórma mais real e positiva.

Os verdadeiros politicos de um paiz são os que trabalham na eschola, na officina; se estes o não engrandecerem, de nada lhe valerá os seus Mirabeaus, que apenas terão o poder de enthusiasmar as massas com o seu verbo inspirado, para as tornar a deixar abatidas, passados os primeiros momentos d'essa febre anemica.

E por isso que nos confrange sempre que vêmos algum talento distincto deixar a eschola ou a officina pela politica partidaria, que lhe acena com um logar á mesa do orçamento.

Dos homens de sciencia é que, em geral, se fazem os grandes politicos, mas dos politicos não se fazem homens de sciencia, e se esta é indispensavel para a publica governação o que fica para governar se a governação fizer d'ella monopolio?

Para compensar este desequilibrio fatal é que muitos homens de sciencia, attrahidos pela politica, continuam sendo muito mais scientificos do que politicos.

Sim, troanesca politica, que presumpções são essas que vos põem de luto ante o cadaver de Antonio Augusto de Aguiar? Que absorver é esse de honrarias que vos não pertencem por completo?

Nem só na politica se é grande.

Quem está verdadeiramente de luto é a sciencia. A politica não é que deu distincção a Antonio Augusto de Aguiar. Elle é que a distinguiu com o entrar no seu seio, e foi tão superior a ella, que teve todo o desprendimento espartano quando o pretendia subjugar com as suas conveniencias egoistas.

E que elle não precisava absolutamente da politica para se elevar. O seu animo generoso e franco não lhe permittia certas transigencias que fossem contra os seus principios.

E para que?

A sua obra scientifica vale muito mais que a sua obra politica. É por aquella que a posteridade o ha de julgar. É por ella que o presente mais o admirou.

* * *

Nascido de entre o povo, filho de um confeiteiro, primeiro entrou na Academia das Sciencias do que nas salas do parlamento.

Na Academia só se entra pela porta do saber. No parlamento entra-se muitas vezes pela porta da intriga. D'ahi o quanto é preciso valer para entrar a primeira; que bagagem de conhecimentos é necessaria; que trabalho serio é mister.

Mas o que vale isto para quem aos 23 annos de idade era já lente substituto de chimica na Eschola Polytechnica. Para quem aos 17 annos encetava brilhantemente o curso da mesma eschola, revelando a mais pronunciada vocação para as sciencias naturaes, firmando-se depois mais distinctamente na chimica, com grande applauso dos seus lentes, Julio Maximo d'Oliveira Pimentel e José Alexandre Rodrigues, ao qual succedeu na propriedade da cadeira de chimica em 1865.

Já em 1864 fôra nomeado lente, tambem de chimica, no Instituto Industrial de Lisboa, por morte de Sebastião Betamio d'Almeida.

Perguntae aos seus numerosos discipulos da superioridade com que elle ensinava, e elles vos dirão se não é uma verdadeira perda irreparavel o ter-se extinguido aquelle espirito que fez luz em tantos cerebros ignorantes.

Perguntae nas regiões officiaes se a sua falta não é insubstituivel para tantas commissões scientificas no paiz e no extrangeiro.

E todo este valor se aniquilou aos 49 annos apenas, como arvore fecunda de preciosos fructos que vento brutal derrubou, quando os seus troncos mais fructificavam.

Não se foi, apesar d'isto, sem deixar valiosos trabalhos escriptos em que affirmou o seu saber.

Encontram-se escriptos seus no *Jornal de Sciencias physicas e naturaes* da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e no *Bericht deuts. Chem. Gee Uschaftin Berlim*, etc. Em livros deixa: *Visita ás principaes comarcas vinhateiras do centro do reino* (1866-1867); *Balsas dansantes* (1867); *Memoria sobre a synthese dos alcools monoatomicos* (1867); *Visita ás principaes comarcas vinhateiras do centro do reino* (1867-1868); *Carta ao distincto professor Ferreira Lapa*, ácerca dos processos das balsas dansantes (1869); *Memoria sobre as naphtalinas nitradas e suas differentes modificações isomericas* (1869-1870, 1872-1873); *Memorias sobre as bases polyatomicas* (1869); *Memoria sobre a naphtazarina e o trioxyphtoquione* (1873); *Memoria sobre as bases diatomicas isomericas: diamidonaphtalina* (1874); *Breve noticia sobre os granulos chinezes anti-cholericos; o Livro do Lavrador* (1868); *Duas palavras sobre a constituição da combinação azoica derivada da diamidonaphtalina; Novos factos para a historia dos compostos nitratos da naphtalina. Acidos nitrophtalicos; Nota sobre a formação dos corpos nitrados; Novo dissolvente da indigotina, etc.*

Estes trabalhos scientificos são de tal importancia, que não só deram ao auctor justa nomeada no seu paiz como tambem no extrangeiro. A Sociedade de Chimica de Paris abriu-lhe as suas portas e incluiu-o na lista dos seus membros, egual honra lhes dispensaram a Sociedade de Chimica de Berlin e o Instituto Agricola de Valencia.

Em Portugal era, além de socio effectivo da Academia Real das Sciencias, para onde entrára em 12 de março de 1868, socio honorario da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, da Sociedade Pharmaceutica Lusitana e da Associação Commercial de Lisboa, presidente da Associação Promotora da Industria Fabril e do Gremio Lusitano, vogal do conselho fiscal da Companhia Real Promotora d'Agricultura Portugueza, presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa, vogal do conselho superior das Alfandegas, grão-mestre da maçonaria portugueza, e membro de varias commissões officiaes que lhe exigiam trabalho aturado.

A sua entrada na politica em 1875 levou-o á camara dos deputados em 1879, quando estava na India desempenhando-se de uma commissão official para a celebração de um accordo entre Portugal e a Inglaterra com respeito ao monopolio do sal.

Pouco tempo depois era elevado a par do reino, e em 1884 formou parte do governo presidido por Fontes Pereira de Mello, tendo a pasta das obras publicas, que geriu por pouco mais de um anno e que deixou por desaccordo entre os seus collegas com respeito ás obras do porto de Lisboa, de que elle era um dos mais strenuos apologistas.

N'esta sahida do ministerio deu elle uma prova bem frisante da sua hombridade politica, e de quão pouco o seduzia o amor da pasta de ministro.

Era dos homens politicos mais populares que hoje militam nos partidos, e comquanto a sua obra politica esteja muito áquem dos seus trabalhos scientificos, não se póde dizer que a sua vida de politico foi esteril e que não houvesse muito a esperar do seu talento e da sua probidade.

Quando a noticia do seu fallecimento, no dia 4 do corrente, se divulgou pela cidade, não podia ser mais profunda a commoção que produziu. Essa commoção manifestou-se imponentemente no seu funeral, a que concorreram todas as classes da sociedade a dizerem-lhe o ultimo adeus.

R.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

A LINHA URBANA DE LISBOA

A gravura que damos hoje, da frontaria do edificio dos Recreios Whittoyne, deveria figurar na secção necrologica, se o acabamento da vida de um edificio não significasse, para o embellezamento de uma cidade, mais uma ressurreição do que uma morte.

No caso presente a Phenix vae, mais uma vez, renascer, mais pujante do que até hoje, com a differença que não será das proprias cinzas, mas da propria poeira, em que ora se desfazem aquellas construcções, que fizeram o encanto de muitas noites aos *habitués* de espectaculos baratos, tão baratos que, quando não tinham o abatimento de 50 por cento eram ... de graça.

A este respeito um cavalheiro hollandez que ha pouco nos visitou, quando o theatro dos Recreios, o Colyseu e o Principe Real, annunciavam em grandes lettras a reducção de preços nos seus espectaculos aos accionistas e subscriptores dos Recreios, dizia-nos que a nossa capital se assimilhava a Amsterdam no grande jogo de fundos que se annunciava em todas as esquinas.

Referia-se aos 50 por cento que figuravam em todos os cartazes e que elle, no primeiro dia da sua chegada, suppunha antes annuncios de qualquer operação bancaria do que simples reclames de espectaculos.

A respeito d'este estabelecimento o seu principio e o seu fim justificam mais uma vez que muito facilmente os extremos se tocam.

A camara municipal, guiada pela energica iniciativa de um homem que tem dois grandes defeitos — ser gordo e ser bom — resolvera dar o mais giganteo passo para a transformação de Lisboa, abrindo a arteria mais importante e mais saneadora que temos — a Avenida da Liberdade.

N'essa grande obra que, por si só, constituirá sempre a gloria de Rosa Araujo, o obeso e bom presidente da camara a que acima nos referimos, foram sacrificados sob a picareta reformadora, o velho theatro das Variedades, a praça do Salitre e o circo de Price.

Ora a nossa cidade não podia ficar sem um circo, sem *voltigeuses*, sem palhaços, e por isso, da nossa amizade por estes, e d'estes por nós, nasceu a ideia do velho clown Whittoyne se fazer director de companhia, não de uma companhia de cavallos, que é o ascendente regular da sua classe, mas de uma companhia de accionistas, a tanto por cabeça, em bello metal sonante.

Verdade seja que elle não poucas vezes se arrependeu de não ter preferido a primeira, mas em summa, ninguem está contente com a sua sorte.

Tomou-se, pois, de arrendamento a antiga quinta do sr. Marquez de Castello Melhor, o installou-se n'ella o largo estabelecimento, n'um genero completamente novo em Lisboa, porque reunia, n'um só recinto: theatro, circo, salas de jogos e outros divertimentos.

O circo era feiissimo, acanhado, improprio para funcções equestres, uma especie de banheira grande, sem belleza nem comodidades; o theatro tambem não era grande, mas com uns certos aformoseamentos, lá ficou melhor.

O circo é que não tinha remedio.

Deu-lh'o uma bella noite uma ponta de cigarro esquecida, mas cheia de fogo, e de folha de figueira, como costuma ser o nosso tabaco, produzindo um incendio tal, que em meia hora o terreno estava limpo, apenas coberto de uma cinza fumegante como fogareiro de assadeira de castanhas.

Foi o reagente que determinou uma nova transformação no estabelecimento.

Abriu-se então ao mesmo tempo uma subscripção d'obrigações e uma larga esplanada, construiu-se um novo circo, que o intelligente architecto o sr. Parente da Silva delineou, de uma fórma elegante, de altas arcarias no estylo arabe, e com uns camarotes a tal altura que os unicos cavalheiros que, da platéa, conseguiam vêr quem lá estava eram o sr. conselheiro Nazareth e o nosso collega Augusto Ribeiro.

Para maior transformação o titulo do estabelecimento passou a ser simplesmente *Recreios*, circo dos Recreios, theatro dos Recreios, esplanada dos Recreios, etc.

O nome do fundador Whittoyne foi banido, ficando apenas na rasão social da Companhia exploradora.

Mais tarde ainda, construiram-se duas largas galerias, n'uma das quaes estava uma espaçosa cervejaria do sr. Jansen, e na outra, aberta depois, existe ainda o Restaurante Avenida, inaugurado com um bello jantar á imprensa, ha uns dois annos.

No circo funccionavam diversas companhias, ora de trabalhos equestres e acrobaticos, ora de zarzuela hespanhola, ora de opera italiana.

No theatro havia scena portugueza.

Na esplanada, no verão, concertos, exhibições de feras, funambulas, bailes, etc.

Por occasião do carnaval, todos estes recintos, com excepção da esplanada, se enchiam de mascaras, constituindo o mais vasto estabelecimento para este genero.

N'este anno chegaram mesmo a ser os melhores bailes de Lisboa, sendo frequentados por uma sociedade mais regular do que nos anteriores.

De tudo que deixamos escripto restam apenas as galerias da frente, uma já em demolição.

O resto tocou o extremo da existencia e vae-se transformando na bella estação da linha ferrea urbana de Lisboa que a Companhia dos Caminhos de Ferro está construindo, e de que descreveremos o projecto no proximo artigo.

L. de Mendonça e Costa.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES.—A LINHA URBANA DE LISBOA

AS EDIFICAÇÕES DOS RECREIOS WHITOYNE QUE VÃO SER DEMOLIDAS PARA A ABERTURA DO GRANDE TUNNEL

(Desenho do natural por J. R. Christino)

A VILLA DA PR[illegible] DA VICTORIA

Para fallar com propriedade da villa da Praia da Victoria, na ilha Terceira, uma das villas principaes do archipelago dos Açores, não sei em verdade como melhor se deva dizer—a villa ou villas da Praia, pois esta que actualmente existe é já a terceira do mesmo nome no mesmo sitio! Tão fortemente tem sido o seu sólo, ora abalado, ora revolvido por convulsões subterraneas em 1588, 1591, 1614, 1647, 1690, 1698, 1757, 1761, 1800, 1801 e 1841; e, se não chegou até lá o tremor de terra do 1.º de novembro de 1755, houve todavia uma grande enchente do mar, que causou a morte de varias pessoas.

Por duas vezes foi quasi totalmente destruida a villa da Praia, em 24 de maio de 1614 e em 15 de junho de 1841.

Da primeira, o mar apossou-se do terreno em que, dentro das pontas de Santa Catharina e do Espirito Santo, era situada a villa, cujo porto ficava entre as pontas do Porto e da Malmerenda, e formou o vasto e lindissimo areal de tres quartos de legua em circumferencia que actualmente alli se vê, e é um encanto vêr! Pereceram n'essa occasião quasi duzentas pessoas, e todas as que sobreviveram a essa horrivel catastrophe fugiram. A Praia não era mais que um montão de ruinas.

Em 1841 começaram a 12 de junho em toda a ilha os tremores de terra, que se repetiram no dia seguinte com maior violencia. A 14 sentiram-se tres abalos mais fortes e prolongados, continuando a tremer a terra durante todo o dia. Espalhou-se então na cidade que tinham cahido algumas casas na Praia; recresceu o susto, como era natural, e a noite passou-se de vela, em grande agitação e terror. De repente, eram quasi tres e meia da manhã, um espantoso terremoto deixou a todos assombrados. «As paredes lascaram-se—diz uma testemunha presencial—os tectos rangeram e pareciam desabar! O relogio da cathedral deixou de marcar aquellas horas de angustia, aquelles momentos de morte, e seu sino chegou a tocar agitado com o violento impulso do tremor de terra.»[1] Ficou n'essa occasião arrazada a villa da Praia da Victoria, sendo todas as casas demolidas na mesma direcção. O tecto da capella-mór da matriz foi impellido para o corpo da egreja, e a torre e o frontispicio inclinados para a serra da Praia. Tombaram as columnas e cahiram as paredes da egreja de S. Francisco, todas construidas de grandes pedras de cantaria; e a torre da casa da camara ficou sem o remate e o lado anterior ou da frente. Circumstancia notavel: não morreu pessoa alguma!

Na sua historia civil e politica nota-se da mesma sorte a repetição de factos e datas semelhantes. Assim é que, tendo tido juiz de fóra e orphãos desde 1768 até 1832, passou n'este anno a ser julgado ordinario e assento de um circulo de jurados, voltando a ser novamente séde de comarca por decreto com força de lei de 16 de junho de 1875. E a data mais gloriosa dos seus annaes, 11 de agosto de 1829, «o segundo da tabella dos dias immortaes da Terceira e da historia da restauração» para me servir das expressões de um antigo jornalista,[1] veiu tornar esquecida a de 11 de agosto de 1583, em que a sua população liberal, cedendo o passo ás hostes numerosas e aguerridas do marquez de Santa Cruz, acceitou o intruso Filippe II como rei de Portugal.

Deve-se a Passos Manuel o ter reconhecido os altos serviços que fez á causa da liberdade a famosa batalha de 11 de agosto de 1829 na villa da Praia, quando a nobilitou com o titulo de *muito notavel villa da Praia da Victoria*, por carta regia de 12 de janeiro de 1837. Na mesma occasião lhe deu escudo de armas partido em facha, na primeira em campo vermelho uma torre de ouro, na segunda em campo de prata um navio negro assentado sobre um mar de prata e azul, e sobre tudo um escudete de prata com a legenda em lettras azues—11 de agosto de 1829—sendo coroado o escudo de uma corôa naval, e por timbre uma torre negra com bandeira bipartida de azul e prata. Merece lêr-se o diploma d'essa mercê, em que a soberana principia logo por affirmar o desejo de que na lembrança dos vindouros fique memoria da sua gratidão; e exaltando a «heroica firmeza com que durante tantos annos permaneceu inabalavel aquelle pequeno rochedo no meio do Oceano, dando um exemplo de constancia e de tão subida lealdade, como não se recordará nunca egual,» conclue pelos fundamentos especiaes da concessão do titulo *da Victoria* «o ter cabido á villa da Praia a fortuna de ser theatro de uma das mais pasmosas faça-

[1] *Mem. hist. do hor. terrem. de 15 de junho de 1841, que assolou a villa da Praia da Victoria, da ilha Terceira*, por F. J. da Costa.

[1] *O Angrense*, n.º 356, de 17 de agosto de 1843.—O primeiro foi o dia 22 de junho de 1828, acclamação da rainha D. Maria II, na ilha Terceira.

A VILLA DA PRAIA DA VICTORIA, DA ILHA TERCEIRA

(Segundo uma photographia)

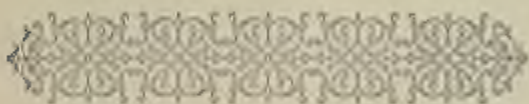
nhas que ainda obrou a lealdade e valor portuguez; e para que fique padrão do muito que alli se fez e de tanto que ella bem mereceu da patria.»

Situada a 23 kilometros ao nordeste de Angra do Heroismo, logo acima do vasto areal que lhe dá o nome, a villa da Praia da Victoria tem uma bahia muito vistosa e ampla.

Em pouco se resume a sua historia, ligada naturalmente á de toda a ilha. Foi esta doada em 1450 a um cavalleiro flamengo, fidalgo da côrte de D. João III, Jacome de Bruges, ao qual succederam outros donatarios. Sobrevindo a usurpação castelhana, foi a Praia dada por carta de 7 de agosto de 1583 a D. Christovam de Moura, que, desposando D. Margarida Côrte Real, successora da capitania de Angra, veio a ser donatario da ilha toda, succedendo n'ella de juro e herdade até ser encorporada na corôa em 1640. Doada em 1663 a Francisco de Ornellas da Camara e em 1665 a seu filho Braz de Ornellas, reverteu de novo á corôa em 1660. Por ultimo D. João V, em 1715, fez d'ella mercê a Luiz Antonio de Basto Baharem, vindo esta doação a acabar por decreto de 2 de agosto de 1766 com a creação de um governador e capitão general para todas as ilhas dos Açores.

Foi em suas praias que desembarcou o prior do Crato em 27 de julho de 1582, e em 1832 visitou-as em signal de respeito o imperador D. Pedro IV.

O edificio mais elevado que a gravura representa é o da egreja matriz que tinha uma collegiada composta de oito beneficiados, extincta pelas reformas de Mousinho da Silveira. Havia tambem na Praia quatro conventos: — S. Francisco (aquelle grande edificio á esquerda), erecto em 1480; Graça, em 1650; Luz, em 1587; e finalmente o das religiosas de Jesus, em 1533. A villa tem egreja e hospital da Misericordia, lazareto, casa e roda de expostos, erigidas em 1800 pelo municipio, e algumas aulas de instrucção primaria e secundaria.

Alberto Telles.

AS NOSSAS GRAVURAS

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

A CANHONEIRA «AÇOR»

A marinha de guerra portugueza foi ha pouco augmentada com mais um pequeno vaso de guerra, o desenho do qual hoje archivamos nas paginas do OCCIDENTE, onde se encontram já gravuras de todos os navios da nossa armada.

A canhoneira *Açor* não foi construida para navio de guerra. Era o antigo vapor *Algarve*, de 180 toneladas, e depois *Gomes II*, que se empregava nas carreiras do Algarve.

O governo portuguez comprou-o ao sr. Centeno, seu antigo proprietario, e mandou-o armar em canhoneira.

Esta acquisição foi muito discutida na imprensa, e no parlamento chegou a annunciar-se uma interpellação que não se realisou.

A canhoneira *Açor* está hoje cruzando no mar dos Açores em serviço da fiscalisação aduaneira. O seu commando e guarnição é de marinha de guerra.

FONTES PEREIRA DE MELLO

XVII

Uma das qualidades mais caracteristicas d'este eminente estadista era a sua coragem parlamentar, a sua coragem civica. Nunca o fez desmaiar o pensamento de affrontar uma multidão irritada, ou uma camara resolutamente hostil. Pelo contrario; a hostilidade fazia com que lhe subisse nos olhos uma chamma, com que se lhe inflammasse a mente, e a sua voz, vibrando quente e dominadora, subjugava os inimigos mais tumultuosos. Então a sua estatura, sempre desempenada, erguia-se mais firme, fusilavam-lhe nos olhos relampagos e a sua eloquencia tomava um caracter verdadeiramente tribunicio.

Foi o que succedeu na sessão de 7 de janeiro de 1868, quando se apresentou á camara o novo ministerio presidido pelo conde de Avila, que subira em virtude da revolução da *janeirinha*, com a missão de derrubar o imposto de consumo, apresentado como a medida mais vexatoria do ultimo ministerio. As galerias estavam litteralmente apinhadas de espectadores, não indifferentes como o são hoje quasi sempre, mas apaixonados, ainda frementes da lucta dos comicios, e das procissões á Ajuda, pacatos movimentos em que viera a dar a velha *bernarda* dos tempos heroicos do constitucionalismo.

Fontes Pereira de Mello tomou a palavra para receber cortezmente o novo gabinete, e para dar o motivo da sua demissão. Não hesitou em aconselhar ao novo governo que não revogasse a lei do imposto de consumo. Quando tal disse, rebentou um verdadeiro tumulto nas galerias. Fontes, porém, em presença d'essa manifestação, ergueu-se vibrante e energico: «Fallo no centro da representação nacional, disse elle, fallo com liberdade e desassombro. Nem me atterram, nem me desviam quaesquer manifestações. Não estou aqui para adular ninguem. Sigo os meus principios, desempenho o mandato dos meus constituintes, e hei de cumprir o meu dever até ao fim.»

A camara rompeu em applausos estrepitosos, os manifestantes da galeria aplacaram-se como por encanto, e Fontes nunca pareceu de certo maior aos que o ouviram, do que n'esse momento em que, affrontando sem hesitação e com um desdem supremo a impopularidade de que n'essa occasião tinham conseguido rodeiar o seu nome, indo ao encontro dos protestos, e como que provocando-os, lhes impunha silencio, e os fulminava, de cabeça erguida e com a sua voz verdadeiramente inspirada.

N'esse momento, na verdade, não parecia elle o vencido. Eram os vencedores que pareciam pequenos diante d'elle, e o vulto de Fontes Pereira de Mello, depois da sua queda, parece que dominava ainda mais o paiz do que quando estava na plenitude da sua omnipotencia.

Não pretendemos narrar a historia politica d'esses tres annos e meio que separaram a queda do gabinete que tinha, senão por presidente nominal, pelo menos por presidente effectivo Fontes Pereira de Mello, e a subida ao poder do primeiro gabinete em que elle entrou como presidente de conselho. Não podemos comtudo deixar de nos referir de relance a um periodo que foi a completa desforra de Fontes Pereira de Mello.

O conselho que elle déra aos seus successores fôra desinteressado. Revogar o imposto de consumo era deitar pela janella fóra uma receita importante e sobre tudo indispensavel. As circumstancias exigiam forçosamente que se criasse receita, Fontes tivera a coragem de criar logo uma fonte abundante, que o dispensaria de recorrer em larga escala ao credito para as despezas correntes.

Não lhe deram ouvidos, foram atraz de uma falsa popularidade. Disseram que só ás economias recorreriam, mas as economias, ainda que se podessem ou se soubessem fazer em larga escala, não occorriam de um momento para o outro ás difficuldades financeiras. Forçoso foi por conseguinte aos seus successores recorrerem ao credito, e recorrerem em circumstancias desgraçadas. Mas para terem algum credito era-lhes necessario ao mesmo tempo appellar para o imposto a fim de mostrarem que estavam resolvidos a pagar as dividas contrahidas. Assim que o fizeram, foram mal recebidos, e o primeiro ministerio que sahiu da famosa revolução da *janeirinha*, teve curta existencia; durou apenas alguns mezes.

Desenhava-se então na téla politica um vulto miraculoso, o do bispo de Vizeu, que adquirira de repente os foros de homem da situação. A sua linguagem rude, o seu aspecto severo, faziam crêr que estava ali um reformador dos que apparecem nas occasiões solemnes, capaz de derrubar tudo sem hesitação, de fazer tabua rasa, manejando o baculo como Viriato manejava o cajado. Enganavam-se. O bispo de Vizeu era homem de rectissimas intenções, e incapaz de transigir com a immoralidade, mas nem tinha o alcance politico e financeiro sufficiente para fazer habilmente as economias indispensaveis, nem a dureza de coração precisa para cortar a direito, sem se importar com as miserias particulares, comtanto que acabasse com a miseria do orçamento.

O papel de Fontes Pereira de Mello durante esses dois ministerios foi perfeitamente patriotico e habil. Não levantou difficuldades ás medidas financeiras dos dois governos que um ao outro se succederam. Elle proprio o dizia: Se essas medidas trouxerem comsigo a salvação do paiz, sou bastante patriota para as não combater; se a não trazem, quero tambem que o paiz veja bem o que são e o que valem esses homens que, em nome da salvação publica, derrubaram o ministerio regenerador.

Na questão financeira o gabinete reformista foi mais desgraçado ainda do que o seu antecessor. Tres ministros da fazenda despendeu sem proveito esse ministerio, que assignou em Londres o famoso contracto Grochen, contracto em que se estipulava que um banqueiro inglez receberia 1 % de commissão, quer o emprestimo se realisasse quer não, e em que os encargos subiam a 10 $^1/_2$ %. Fontes combateu energicamente essa desastrada operação financeira, que trazia perfeitamente arrastado o credito do paiz. Não resistiu a esses ataques por muito tempo esse ministerio reformista, que entrára no poder com um prestigio verdadeiramente inexcedivel.

Depois de ter feito uma serie de reformas que em nada contribuiram para melhorar a situação do paiz, depois de atravessar um periodo parlamentar verdadeiramente difficil, cahiu o ministerio aos golpes de Rebello da Silva na camara dos pares, e menos de dois annos depois d'aquelle movimento do primeiro de janeiro, que parecia dever expulsar para sempre dos conselhos da corôa os homens da fusão, via-se el-rei obrigado a chamar ao poder, não o gabinete regenerador que foi apoiado pelos historicos, mas o gabinete historico que ia ser apoiado pelos regeneradores. Foi o duque de Loulé quem recebeu o encargo de formar ministerio.

Fontes Pereira de Mello apoiou francamente o novo ministerio, de quem recebeu a 8 de janeiro de 1870 os arminhos de par do reino. Assistiu com surpreza ao movimento revolucionario de 19 de maio de 1870, e trabalhou com o duque de Loulé, o marquez de Avila, o bispo de Vizeu e Sá da Bandeira para derrubar esse governo que nascêra de uma revolta militar, e a um golpe de estado devia succumbir. Foi o marquez de Sá da Bandeira quem se encarregou de pôr termo a essa ultima aventura do marechal Saldanha. O ministerio que se seguio teve um caracter de conciliação, entrando n'elle a um tempo o marquez de Avila e o bispo de Vizeu. As camaras que se elegeram tiveram uma feição reformista predominante, mas d'ahi resultou um desaccordo ministerial, e, tendo triumphado o marquez de Avila, foi indispensavel dissolver as camaras, elegendo-se outras em que constituiram a maioria deputados regeneradores e deputados progressistas historicos vindo uns e outros apoiar o governo, mas achando-se já desde 1870 profundamente separados esses dois ramos que tinham constituido a fusão de 1865.

A politica portugueza apresentava n'esse momento um caracter verdadeiramente confuso. Estava no poder o marquez de Avila com o pequeno grupo dos seus amigos; apoiavam-n'o os dois partidos principaes, regenerador e historico, faziam-lhe opposição dois partidos, um perfeitamente minusculo — o constituinte, o outro já bastante fraco e reduzido — o reformista. Depois de tres annos e meio de agitações estereis, depois de tres annos e meio em que o paiz estivera como um doente que descrê da medicina, e que vae consultar quantos curandeiros lhe inculcam, depois de tres annos e meio em que se experimentaram todas as xaropadas possiveis para substituirem o remedio que se deitára loucamente da janella abaixo, voltou o paiz finalmente desenganado e de orelha baixa a bater á porta do grande homem que fulminára com os seus anathemas, e que entrou no poder victorioso, triumphante, e com um prestigio e com uma força como nunca a teve um ministerio. Foi este o gabinete de 13 de setembro de 1871.

(Continua).

Pinheiro Chagas.

CASTELLO DE VIDE

(Concluido do n.º 312)

Diz a *Monarchia Lusitana*, que «quando D. Izabel vendeu a El-Rey D. Diniz seu tio, o seu terço das villas de Castello de Vide e Alegrete foi com a condição que elle as não pudesse dar, nem vender, nem escambar a outra pessôa, donde ficavam obrigados a se conservar na corôa. Tempos adeante, trocou El-Rey D. Fernando, o Castello de Vide por Castro Marim: devia haver consentimento dos moradores, se é que sabiam

da preeminencia que tinham de realengos por esta causa, e por lhe haver El-Rey D. Diniz concedido o mesmo privilegio no anno de 1299, no cerco de Portalegre, como fica dito em outro logar». D. R. Bluteau no *Vocabulario Portuguez e Latino* etc. refere-se a este facto, mas erradamente pois presume que a Rainha Santa é que fez esta venda, confundindo D. Izabel filha do infante D. Affonso com D. Izabel mulher d'El-Rei D. Diniz.

E não foi esta a unica vez que os reis de Portugal desprezaram tão valioso privilegio dos moradores de Castello de Vide.

D. João I, recompensando os heroicos serviços do bravo Gonçalo Annes, de Castello de Vide na batalha d'Aljubarrota, doou-lhe o senhorio da villa onde este nasceu, segundo refere Fernão Lopes, e consta do livro primeiro do tombo da camara d'esta villa, d'um documento de 1461.

É uma quebra dos privilegios, mas tem attenuantes de tal ordem, que por ella chega o rei a merecer louvor; senão vejamos.

Gonçalo Annes é o valente fidalgo, amigo e companheiro d'armas do destemido D. Nuno Alvares Pereira. Um é digno do outro, e ambos da honrosa menção que a historia faz d'elles. D. Nuno conquista com a sua espada um throno para D. João I; Gonçalo Annes jura, na vespera da batalha de Aljubarrota, ser elle quem hade dar o primeiro golpe nos hespanhoes, e, para cumprimento do seu voto, arroja-se, ao começar da batalha, só, contra o exercito inimigo, que não comprehende tal temeridade; logo segue-o a ala dos namorados, de que Vasco Martins de Mello é um brilhante ornamento; depois o exercito portuguez, com o Mestre d'Aviz á frente, esmaga o exercito castelhano, envolvendo na mesma mortalha os cadaveres d'este, e as suas doces esperanças de conquista.

D. Affonso V, querendo galardoar os serviços recebidos de Vasco Martins de Mello, do seu conselho, e tambem os serviços feitos e a fazer por Vasco Martins de Mello, filho d'este, fidalgo da sua casa, que tinha deixado a alcaiadaria da cidade de Evora, havida por fallecimento de seu pae, para ser dada a Fernando de Mello, seu irmão, outorgou-lhe, e fez-lhe doação do senhorio, jurisdição civel e crime da sua villa de Castello de Vide e seus termos, com todas as rendas, fóros, tributos, emprazamentos, montados, pascigos, pescarias e com tudo o mais que aqui tinha e de direito lhe pertencia, resalvando para si as sizas geraes, correição e alçada.

Os Juizes, Vereadores, concelho e homens bons de Castello de Vide pedem e requerem a D. Affonso, por Gonçallo Fernandes Carrilho e Lopo Alves, escudeiros vassallos d'el-rei, aqui moradores, que d'isto não lhe mandasse dar posse, e tal mercê houvesse por nenhuma, visto que sempre fôram Realengos, e sempre dos Reis passados, e da corôa d'estes reinos, sem a dita jurisdição ser dada a qualquer pessoa, salvo muito tempo que em posse d'ella foi Gonçallo Annes de Castello de Vide, que lhe d'ella foi feita mercê por El-Rey D. João I, seu avô, que lhe comprou a dita jurisdição, para nunca ser dada a outra qualquer pessoa.

D. Affonso V, em vista d'este requerimento, e attendendo aos muitos e grandes serviços, que os moradores de Castello de Vide e seus antecessores tinham feito nas guerras e tempos passados a estes reinos e reis, que antes d'elle foram, e querendo-lhe fazer graça e mercê, deferiu-lhes o seu requerimento, dando sómente a Vasco Martins em a dita villa a alcaiadaria do castello e direitos d'elle.

Em 17 de setembro de 1674, D. Pedro, então Principe Regente e Governador dos Reynos de Portugal e Algarves, havendo respeito ao que lhe representaram em côrtes os procuradores da villa de Castello de Vide, em um dos capitulos que offereceram, pedindo-lhe lhes fizesse mercê do titulo e privilegios de villa notavel, por ser uma das mais nobres e maiores povoações da provincia, ter 2,000 visinhos, ser praça d'armas de grande importancia, que havia feito grandes serviços a este reino no tempo da guerra, e visto tudo o que allegaram, tendo consideração aos serviços dos moradores de Castello de Vide, fez-lhe a mercê requerida.

Bem caro lhes custou tão honroso privilegio.

Desde 1640 até 1711 é Castello de Vide, quasi quotidianamente, theatro de pugnas heroicas entre hespanhoes e portuguezes, soffrendo os seus moradores todas as tristes consequencias da diuturna guerra travada entre as duas nações.

Estão a attestal-o a historia d'esses calamitosos tempos e as venerandas reliquias da torre de menagem, hoje medonhamente *eventrée*, victima de uma mina que o marquez de Villadarias lhe mandou abrir em 1704, quando tomou Castello de Vide, fazendo-lhe voar pelos ares mais de um quarto da sua grande mole.

E não foi só este desastre que a praça soffreu durante a guerra da restauração.

Em 5 de dezembro de 1647 houve em Castello de Vide algum facto muito notavel e desastroso, consequencia da guerra, pois que no livro das vereações d'esse anno se lê o seguinte:

«Accordo—Aos dias 11 do mez de dezembro de 1647 annos n'esta villa de Castello de Vide, foram juntos nas casas da Camara d'ella o Capitão-mór Duarte Lobo da Gama e o Doutor Nuno Gracia Moniz Juiz de Fóra com alçada por El-Rey Nosso Senhor e bem assim Diogo da Costa Barba e Diogo Carvalho e Francisco Gonçalves Barba e André Rodrigues Tristam procurador do concelho e os procuradores do povo Salvador Vaz Aldonso e Antonio Mendes e alguns homens nobres e do povo abaixo assignados e sendo juntos poseram a votos a emleição de pessoas que com maior brevidade e diligencia fossem reprosentar pessoalmente o suceso que n'esta praça sosedeo em 5 do presente assim a Sua Magestade como ao governador das armas pera mandarem acudir ao reparo e necessidades que hai da dita praça pera sua conservação, para cujo effeito se offereceu o Vreador Diogo da Costa Barba e o procurador do concelho André Rodrigues Tristam pera hirem á praça de Elvas tratar este negocio ao dito governador das armas he para tratar como convem com Sua Magestade o Padre Antonio Rodrigues Sarzedas Prior de São João que se offereceu e porque pediu pesoa da mesma satisfasam pera o acompanhar pera o mesmo effeito se posessem votos e sahiu com todos os que estavem presentes o Capitão Gonçalves de Sequeira etc.»

Não param aqui os incommodos e perdas que a villa padeceu.

Havia mais: as despezas e trabalhos com as fortificações a que os habitantes eram obrigados; os campos abandonados por uma povoação essencialmente lavradora, cobertos de mato; os gados diariamente roubados pelas tropas hespanholas; a villa, que então não tinha quarteis, alojando grande quantidade de tropas de pé e de cavallo, compostas de gente de tal fórma bandoleira, que os governadores da praça se viam obrigados a publicar repetidos bandos, prohibindo com severas penas corporaes a ladroagem e continuadas brigas da infrene soldadesca entre si e com os habitantes; finalmente, a honestidade das mulheres de todas as condições e estados, sendo ludibrio descarado da tropa, elemento preponderante na villa.

Concluindo estes ligeiros apontamentos ácerca da formosa e seductora villa de Castello de Vide, a *Cintra do Alemtejo*, como lhe têem chamado viajantes illustres, direi que é a patria de muitos homens notaveis nas armas e nas letras, sendo exemplo dos primeiros o memoravel Gonçallo Annes, e modelo dos segundos o grande estadista, José Xavier Mousinho da Silveira.

Tavares Rosa.

SCENAS DA VIDA RUSTICA

A NETA DO TIO TORQUATO

(Continuado do n.º 313)

VIII

Emquanto se preparava a ceia Torquato e eu estivemos conversando sobre os homens politicos da villa, porque, como o leitor sabe, as terras pequenas abrigam ás vezes no seu seio grandes politicos, que não raro dão a lei aos ministros da côrte. Nós chamamos-lhes politicos de campanario e outros nomes mais ou menos comicos, mas elles, se por acaso não são deputados, têem o exclusivo da fabricação d'esta especie, e, quando não lhes fazem a vontade, quando, de envolta com os melhoramentos municipaes, o ministro das Obras Publicas não lhes manda tambem traçar uma estrada, que lhes dê serventia á sua quinta ou á sua fabrica, amuam e declaram-se independentes, e com a mesma convicção... dos seus interesses passam para o lado contrario.

—Reparou n'aquelle homem—dizia-me Torquato—com quem eu estava fallando na villa, quando o sr. chegou? Vinha pedir-me o voto. Estava servido, escusava de fallar a mais ninguem. Ouviu o que elle disse? Pois tudo aquillo é mentira. A verdade é que elle foi offerecer-se ao dr. Machado para trabalhar a seu favor—já se vê, por dinheiro,—e como o doutor não acceitou a proposta, elle ficou furioso, e largou a dizer do homem cobras e lagartos. Pois, sem offender quem está presente, o doutor é uma excellente pessoa, e tem sido aqui sempre o amparo da pobresa. Tem muita freguezia, e está rico, mas se um rico e um pobre n'uma afflição o mandarem chamar, olhe que elle não deixa o pobre pelo rico: vae visitar primeiro o pobre. Ouvi-lhe uma vez dizer que fazia isto sempre, porque o pobre tinha dois males, e o rico só um.

—Disse dois males, avôsinho? perguntou Izabel, que nos vinha dar a boa nova da ceia estar prompta, e que ouvira as ultimas palavras de Torquato.

—Sim, a doença e a pobreza.

—Gosto d'esse homem, Torquato.

—Pois olhe que tem cara de poucos amigos. É assim tristonho e carregado, mas quando principia a fallar com a gente,—vê o senhor uma manhã de inverno, muito carrancuda, escura, o ceu tapado de nuvens, a prometter um dia cerrado de aguas, e vae depois, quando menos se espera, rompe o sol!—assim é a cara do doutor. Não ha ninguem com quem elle falle, que não fique amigo d'elle. É dos bons cá da terra. Tem tratado de todos nós, e nunca me quiz acceitar nem cinco reis. É sempre a mesma cara, o mesmo modo, quando nos encontra. Valeu-me de muito, quando meu irmão esteve preso.

A Izabelinha n'aquella noite estava triste e distrahida. Ella, sempre tão attenta ao que diziamos, ficava ás vezes immovel, a olhar para uma cadeira, para um objecto qualquer, como se o seu espirito andasse longe, preoccupado por uma idéa fixa. Os seus olhos azues escuros, grandes e expressivos, pareciam maiores ainda, tinham um brilho extraordinario, e o tom rosado das faces havia empallidecido um pouco. Andaria alli moiro na costa,—como dissera o avô na sua linguagem pittoresca?

Durante a ceia ella, sempre palreira e risonha, quasi não proferiu uma só palavra, e nem as historias do avô, nem os meus gracejos, conseguiram despertar aquellas francas e alegres effusões, proprias dos animos juvenis e despreoccupados: Izabel sorria uma ou outra vez com esforço, e depois, e sem transição, o seu rosto immobilisava-se e retomava a expressão de tristeza, que eu logo lhe notara.

Singulares transformações estas, que a natureza opéra na mulher. A belleza um pouco rustica, a graça campesina, o rosado crú da cutis, a viva expontaneidade do gesto e da voz,—as feições caracteristicas dos filhos do campo—já não eram como antes, e a interessante rapariga, que eu estava costumado a ver alegrar com a sua voz argentina a solidão d'aquella casa e os ultimos dias do ancião, apparecia-me agora outra, divagando o olhar incerto, ou fixando-o n'um ponto, como se quizesse seguir no espaço uma figura, uma imagem, um d'esses sonhos fugitivos, miragens phantasiadas pela nossa imaginação, e que perpassam iriadas e deslumbrantes atravez das nuvens doiradas pelo sol ardente dos quinze annos.

Aconteceu fallar-lhes na Africa: um amigo meu voltara de S. Thomé, magro de carnes, leve de dinheiros, mas carregado de febres. N'este ponto Izabel pareceu dispertar, e mostrou-se attenta ao que eu dizia.

—Tem algum livro com historias da Africa? perguntou-me ella com uma certa hesitação.

—Historias da Africa? respondi eu, um pouco admirado da pergunta.

—Sim, algum livro que falle das terras e das gentes que ha por lá... o senhor percebe...

Apesar da perspicacia, que ella me attribuia, o que eu não percebia muito bem era aquelle seu inesperado interesse pelas regiões africanas.

—Agora não me lembro de nenhum, mas verei se tenho—disse eu—pensando mais na pergunta d'ella do que na minha resposta.

—Mas, ó Izabel, que idéa foi essa agora da Africa? Tencionas ir para lá? Nenhum de nós commetteu crime de degredo—disse o velho, franzindo o sobr'olho. A Africa! A Africa!—continuou elle—uma terra de pretos, de macacos e de ladrões! Que graça tem isso? Não quero vêr aqui nada que cheire a essas terras. Bem basta o que basta... Olhe que a tal Africa tirou-me o somno por mais de oito mezes! Lembra-te bem disto, Izabel! Livrei o Thomaz de ir para lá, e sabe Deus o que me custou... os olhos da cara, e vergonhas!... Não quero nem ouvir o nome de semelhante terra!—e o velho

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

CANHONEIRA AÇOR—(Desenho pelo artista amador sr. José Pardal)

levantou-se impetuosamente e poz-se a passeiar pela casa.

—O amigo desculpe—disse elle, passado o primeiro desabafo da sua colera, e, pondo-me as mãos nos hombros, com o rosto mais sereno, accrescentou:—Ha por ahi tanto livro que falla de terras de gente branca...

—Isso é verdade Torquato, mas tambem não o é menos que você anda a prometter-me umas historias de caçadas no Alemtejo para o meu livro, e a modo que está arrependido da promessa! disse eu, para lhe destrahir a attenção sobre assumptos mais amenos.

—Prometti e hei de cumprir, mas outra occasião será: agora o que o senhor vae vêr é um cachorro, que é uma joia. Lá na villa o relojoeiro não lhe disse nada d'elle? Ainda é novo, mas que nariz!

—É talvez como o da estanqueira do Loreto, —respondi eu—lançando uma nota alegre na seriedade quasi tragica do dialogo antecedente.

—Qual estanqueira? retrucou elle. Isso é alguma historia das suas.

—Era uma mulher que tinha um nariz tão grande, que até os poetas lhe fizeram versos! O Bocage disse-lhe um dia:

> Nariz, nariz, e nariz!
> Nariz que nunca se acaba!
> Nariz, que se elle desaba
> fará o mundo infeliz!

—Ah! sim, o Bocage, esse tinha boas lembranças. O sr. Alfredo conta muitas d'elle. Pois tambem elle havia de fazer versos ao cão, que ainda os merece mais que a tal estanqueira, porque ella cheirava rapé, mas o cachorro cheira perdizes, que é muito melhor. Vae vêl-o. É uma estampa.

—O Izabelinha, que desejo foi esse de ler historias da Africa? disse eu, aproveitando o ensejo de estarmos sós, e querendo por surpresa descobrir o segredo.

A rapariga não esperava decerto o ataque, porque olhou para mim como perturbada pela interrogação.

—Eu... era... para saber... Eu gosto de saber—respondeu ella, corando—mas vem ahi o avô... Não falle mais n'isso, não?...

D'ahi a um instante voltava Torquato precedido por um soberbo cão branco, malhado de castanho, pernalto, largo de peitos, nariz levantado e humido, olhos grandes e bons.

—Então o que diz?

—A apparencia não póde ser melhor. Veremos ámanhã as obras.

—Já o vi trabalhar. Apesar de novo é um cão mestre. Este é dos que nascem já ensinados: caça á ingleza, largo, mas é parado como uma rocha.

Terminada a apresentação o velho foi guardar o cão no quintal, e eu tentei novamente o assalto, mas Izabel pondo um dedo na bocca, com uma expressão singular, disse-me que já era tarde, e deu-me a luz e as boas noites.

—Adeus, Izabelinha.

—Boas noites, repetiu ella, e fez-me outra vez o mesmo gesto de segredo.

Não me restava já a menor duvida. O moiro desembarcara, e fizera presa no coração da pobre rapariga.

(Continúa).

Zacharias d'Aça.

RESENHA NOTICIOSA

Regata no Tejo. Temos a fazer uma rectificação ao artigo que a respeito da regata no Tejo, promovida pela Real Associação Naval, publicámos em o numero antecedente. As guigas *Mizpha*, *Ophelia* e *Vega*, pertencem a Sua Magestade El-Rei D. Luiz, e a *Alice* pertence ao sr. Annibal Generoso que a foi comprar a Inglaterra. A *Mizpha* foi feita no Arsenal de Marinha; é uma maravilha de construcção, muito elegante, mas não póde correr como a *Alice*, para competir com a qual foi feita. A *Attempt* pertence ao sr. Manuel Braamcamp Freire, que é o primeiro remo portuguez, por ter ganho a corrida Skiffs-Campeonato contra o remo inglez, em Lisboa, o sr. H. S. B. Mitchell, o que lhe valeu a grande medalha de ouro *Campeão*, que tem de defender todas as vezes que se realisem regatas. Esta medalha é offerecida pelo sr. A. P. Dagge, socio da Real Associação Naval. N'esta regata não houve a corrida de Skiffs, porque o sr. Manuel Braamcamp Freire não teve competidor.

Quadro de Grão Vasco. O pintor italiano Constantini já concluiu a copia do quadro de Grão Vasco, representando S. Pedro, existente na Sé de Vizeu. Este quadro foi avaliado pelo distincto artista em 140:000$000. O sr. Constantini fez a sua cópia por um processo moderno, em cartão Wattman, e reduzido á 16.ª parte do tamanho do original. Gastou 15 dias com este trabalho. Parece que vem ganhar 200 libras pela copia, tendo além d'isso um subsidio de 3 libras diarias para despezas e passagens pagas.

Exposição decorativa. Algumas senhoras portuguezas projectam fazer uma exposição de adornos de casa, n'uma das galerias do edificio dos Jeronymos.

Incendio de um theatro. Houve um violento incendio no Theatro de Exeter, condado de Devon, na Inglaterra. O incendio manifestou-se no palco em occasião do espectaculo, e rapido invadiu o edificio, salvando-se a muito custo parte dos espectadores e ficando queimados e sob as ruinas muitos d'elles. Nos primeiros desentulhos a que se procedeu, foram logo encontrados cento e trinta cadaveres. Estes repetidos incendios em theatros está-se tornando um verdadeiro flagello aterrador, o qual, em todo o caso, é mais facil prevenir, do que qualquer epidemia, desde que haja vontade firme e providencias sensatas por parte das auctoridades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 6.ª serie n.º 12, e 7.ª serie n.º 1. Imprensa Nacional, Lisboa. O summario do n.º 12 é o seguinte: Os dialectos romanicos ou neolatinos na Africa, Asia e America, por Adolpho Coelho; indice dos artigos publicados na 6.ª serie do boletim; actas das sessões de 28 de junho, 25 de outubro, 15, 19, 22, 26 e 30 de novembro, e 13 de dezembro (sessão solemne) de 1886, etc. O summario do n.º 1 é o seguinte: Fauna dos Lusiadas, por Eduardo de Sequeira; Primeiros documentos para a historia do jubileu nacional de 1880, por Luciano Cordeiro.

Uma Questão de Contracto Litterario *entre Lopes & C.ª, successores de Clavel & C.ª e F. José Monteiro Leite*, Porto, 1887. É um folheto em que os srs. Lopes & C.ª appelam para o publico sobre uma questão de propriedade litteraria que tem com o sr. Monteiro Leite. Parece-nos muito mais simples appellar só para o tribunal, se os srs. Lopes & C.ª se consideram fortes no seu direito.

Historia da Revolução Portugueza de 1820, illustrada por José d'Arriaga, Lopes & C.ª successores de Clavel & C.ª, editores, Porto. Fasciculos 15 e 16 pertencentes ao 2.º vol. d'este obra importante, e que tem tido o melhor acolhimento do publico.

Typ. Castro Irmão—Rua da Cruz de Pau 31—Lisboa